

# Literatura e Exílio: Diálogos entre Ciências Humanas e Literatura

Os Autores

O presente dossiê, que reúne os sete artigos a seguir, surgiu das afinidades intelectuais de um grupo de professores das áreas das ciências sociais, filosofia e educação que perceberam entre si um interesse comum: a relação entre a literatura, a vida social e as questões humanas mais amplas. Assim, com o intuito de aprofundar nossa interlocução, decidimos realizar um curso de extensão, na Unifesp, com o apoio da Cátedra Edward Said, no ano de 2021, que fosse capaz de explorar uma temática ao mesmo tempo urgente, diversa e profícua em sua riqueza semântica. Foi assim que o exílio ganhou nossa atenção, e, a partir dele, procuramos cultivar seus diferentes sentidos e possibilidades. O propósito deste dossiê, nesse viés, não repousa em uma confluência da ideia de exílio. Pelo contrário, nossos encontros foram pautados, sobretudo, pela descoberta de perspectivas e aberturas que as obras e os autores abordados neste dossiê foram nos revelando uma aula após a outra.

Os textos aqui apresentados seguem então a sequência desses encontros. Em “Mundos em contraponto: exílio e memória em Edward Said”, Alessandra El Far discute a ideia de exílio em torno de duas obras de Edward Said, o ensaio *Reflexões sobre o exílio* (1984) e *Fora do Lugar: memórias* (1999), entrelaçando duas perspectivas sublinhadas pelo autor: por um lado, o contínuo sentimento de deslocamento, mas, por outro, a possibilidade de sobrepor mundos culturais. Em “Raymond Williams e o paradoxo do exílio em 1984”, Alexandro Paixão aborda as noções de exílio e autoexílio a partir do estudo analítico dos escritos de Raymond Williams (em particular *Cultura e Sociedade* e *The long Revolution*) e do romance de George Orwell (1984), com destaque para a ideia de “paradoxo do exílio”, que aparece em capítulo de *Cultura e Sociedade* dedicado a Orwell. “O

‘privilégio duvidoso’ das apátridas”, de Patrícia Santos, explora a literatura de exílio de língua alemã após 1933 e suas relações com a *Shoah*, tendo como fonte primária obras redigidas por escritoras que se refugiaram na América Latina devido a perseguições pelo regime nacional-socialista. Em “‘Tudo aqui é um exílio’: violência colonial, desterrados, testemunhos e sobrevivências”, Fabiana Jardim procura mostrar como a literatura afro-estadunidense e negro-brasileira mobilizam o evento do desterro de África e da escravização nas Américas, em um gesto que se endereça tanto ao presente – a partir da nomeação do modo como o dispositivo racial produz a experiência negra como impossibilidade de sentir-se em casa (nas relações cotidianas e na experiência de cidadania) – quanto ao passado e ao futuro, ao afirmar as vidas perdidas como passíveis de luto, uma estratégia de cuidado fundamental que, a despeito de seus limites, pode ser entendida como reinscrição dos mortos e de si em uma teia de relações vivas, um gesto que assume distintas formas, entre elas o uso da palavra e a habitação das línguas (ainda que a dos colonizadores). Em “Imagens de exílio na obra de Albert Camus”, Rita Paiva destaca, da pluralidade de imagens de exílio na obra camusiana, duas delas: a de um exílio cuja origem nos transcende e chancela a nossa condição, e aquela decorrente de deliberações humanas, problematizando a relação entre ambas. Em “Notas acerca do *exílio natural* em Álvaro de Campos”, Mauro Rovai tensiona uma série de termos mobilizados em alguns dos textos e poemas selecionados do heterônimo, com o intuito de discutir uma imagem ali recorrente: a de que somos todos estranhos e estrangeiros. Ana Lúcia Teixeira, em “No alvorecer, a partida: a complexidade do exílio em *Bem longe de Marienbad*, de Caio Fernando Abreu”, se aproxima da noção de exílio a partir de uma perspectiva específica, a do autoexílio como gesto voluntário dirigido não a um espaço mas a alguém. A condição de permanente transeunte que resulta dessa escolha é explorada a partir da análise de um conto e permite apreender não apenas a dimensão mais intimista que se sobressai na superfície do texto, mas implicações sociais do autoexílio que lhe são menos óbvias.

Hora de irmos aos textos. Antes, porém, gostaríamos de deixar nosso agradecimento a todos aqueles que, na *telepresença* do mundo on-line, estiveram conosco – como companhia necessária e impulso constante – ao longo das sete terças-feiras dos meses de maio e junho de 2021.